

## APRESENTAÇÃO

*Aprendizagem mediada por tecnologias: relações entre meios digitais e questões identitárias no ensino da língua estrangeira*

À época da proposta de edição deste número, não fazíamos ideia de que enfrentaríamos dias tão difíceis – de isolamento e de distanciamento social – resultantes do avanço de uma pandemia que, em pouco tempo, tomou conta do planeta, fazendo com que o trabalho remoto, o *e-commerce* e o ensino a distância se tornassem ainda mais importantes para as vidas dos cidadãos globais<sup>1</sup>. Pouco sabemos do que ainda está por vir. No entanto, parece possível afirmar-se que, para determinadas camadas da população mundial, relações e serviços mediados pela tecnologia poderão salvar vidas, garantindo o abastecimento de cidades, a manutenção da saúde mental e física daqueles que podem respeitar medidas de distanciamento como as sugeridas pela OMS (Organização Mundial da Saúde), e o incremento de programas de educação a distância.

A educação a distância, instituída em caráter emergencial por redes públicas e privadas de ensino no país e no mundo, nos últimos meses, tem sido alvo de críticas talvez um pouco severas de pais preocupados com o futuro de seus filhos ainda em idade escolar. Para alguns desses pais, a escola falha ao exigir um grande número de tarefas de alunos ainda muito jovens e inexperientes no que diz respeito à própria gestão da aprendizagem em ambiente virtual. De uma forma ainda mais grave, evidência clara da desigualdade social presente no Brasil, a inexistência de redes públicas de Wi-Fi consiste em obstáculo quase intransponível para famílias de baixa renda para as quais a escola representa proteção, apoio e possibilidade de aprendizagem.

A ascensão da pandemia do Covid-19 expõe fragilidades anteriormente diagnosticadas quando o assunto é ensino e aprendizagem por meio de tecnologias da

---

<sup>1</sup> O termo cidadãos globais é utilizado aqui na ausência de novo termo. Em *Has Covid-19 killed globalisation?*, texto recentemente publicado na versão online da revista *The Economist*, a globalização como conhecida por nós mostra sinais de arrefecimento. Sinal da aparente derrocada do movimento econômico e social com origens no início da década de 1990, aguardamos pela provável implementação, por países como Estados Unidos e Austrália, do “travel bubble” - tentativa de proteção das fronteiras daqueles países que, certamente, limitará os fluxos internacionais aos quais nos acostumamos nos últimos trinta anos. O texto na íntegra está disponível em: [https://www.economist.com/leaders/2020/05/14/has-covid-19-killed-globalisation?fsrc=newsletter&utm\\_campaign=the-economist-today&utm\\_medium=newsletter&utm\\_source=salesforce-marketing-cloud&utm\\_term=2020-05-15&utm\\_content=article-link-1](https://www.economist.com/leaders/2020/05/14/has-covid-19-killed-globalisation?fsrc=newsletter&utm_campaign=the-economist-today&utm_medium=newsletter&utm_source=salesforce-marketing-cloud&utm_term=2020-05-15&utm_content=article-link-1). Acesso em: 16 mai. 2020.

comunicação. Objeto de pesquisas acadêmicas conduzidas por professores e por agentes públicos, o ensino mediado por tecnologias da comunicação ainda consiste em grande desafio, seja para as instituições privadas ou públicas e seus representantes, seja para o indivíduo comum que delas depende na organização de sua rotina.

Os textos aqui reunidos não pretendem dar conta do ensino de línguas em ambientes digitais em meio à pandemia, mas gostaríamos de acreditar no valor da discussão que eles promovem para o futuro do desenvolvimento de um número crescente de iniciativas que facilitem e possibilitem, por exemplo, o ensino on-line para um número também cada vez maior de aprendizes. Tais iniciativas, sabemos de antemão, demandarão maiores investimentos dos setores público e privado. Investimentos no desenvolvimento de plataformas e de planos de ensino não bastarão para que solucionemos as várias questões envolvidas na instrução a distância, porém.

No caso específico da aprendizagem de línguas estrangeiras, questões já bastante caras aos estudiosos da área de estudos da linguagem, tais como as de identidade e de investimento (NORTON PEIRCE, 1995), poderão auxiliar na ressignificação do aprender e do ensinar fora dos limites físicos do ambiente de sala de aula ao qual a grande maioria de nossos estudantes está acostumada. Dessa maneira, nesta edição nos prestamos a focar em artigos que versem sobre os processos de ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras (LE) mediados por tecnologias e compreendidos como indissociáveis e, por vezes, suscetíveis às questões culturais, sociais e individuais que costumam fazer parte da rotina de aprendizes e de professores de LE. As implicações de tal mediação – tecnológica, cultural e social – são aqui examinadas por pesquisadores interessados na análise de temas que dão conta do ensino assistido pelas novas tecnologias (CALL), sem esquecer o escrutínio de elementos imprescindíveis para a aprendizagem de uma nova língua, tais como aqueles relativos ao pertencimento, ao alinhamento social e à elaboração de identidades flexíveis e mutáveis (NORTON, 2015). O ambiente digital consiste numa possibilidade de ressignificação, tanto das práticas de ensino-aprendizagem quanto das identidades dos aprendizes e dos professores de LE em tempos de globalização e de renovação de crenças como resultado da emergência de novos letramentos (KNOBEL; LANKSHEAR, 2011). O caráter flexível e mutável da construção identitária de professores e de aprendizes de LE, defendido por Bonny Norton desde meados da década de 1990 e ratificado por Rajagopalan (2003), encontra-se em consonância com a impermanência do ciberespaço que é definido por Lévy (2007) como em

constante transformação. Os textos desta edição da Revista Organon focalizam o ensino-aprendizagem da LE sob uma perspectiva crítica e têm como um de seus principais objetos o desenho de novas perspectivas para o futuro no que diz respeito ao ensino de LE em ambientes digitais. Assim, ratifica-se a importância da adoção de novas práticas de ensino sem, contudo, perder de vista a preocupação com questões referentes às individualidades, à diversidade e ao reflexo da inovação junto à coletividade.

## Referências

- KNOBEL, M.; LANKSHEAR, C. Sampling “the new” in new literacies. In: KNOBEL, M.; LANKSHEAR, C. (Ed.). *A new literacies sampler*. New York: Peter Lang Publishing, 2007. p. 1- 24.
- LÉVY, P. *O que é virtual?* São Paulo: Editora 34, 2007.
- NORTON, B. Identity, Investment, and Faces of English Internationally. *Chinese Journal of Applied Linguistics (Quarterly)*, v.38, n.4, p. 375-391, 2015.
- NORTON PEIRCE, B. Social identity, investment, and language learning. *TESOL Quarterly*, v. 29, n. 1, p. 9 - 31, 1995.
- RAJAGOPALAN, K. *Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão ética*. São Paulo: Parábola, 2003.

*Patrícia da Silva Campelo Costa Barcellos*

*Elisabete Andrade Longaray*

*Organizadoras*